



ACENOS DE ESPERANÇA: CAMINHOS PARA SUPERAÇÃO DO ANTISEMITISMO

SIGNS OF HOPE: WAYS TO OVERCOME ANTISEMITISM

Saul KIRSCHBAUM, Doutor em Letras pela FFLCH/USP, PPG Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas; Pós-doutor pela UNICAMP; professor do Centro Cristão de Estudos Judaicos; pesquisador do LABÔ – Laboratório de Política, Comportamento e Mídia da Fundação São Paulo.*

Matheus Reich da SILVA, licenciado em História pela FMU, com especialização em Ciência da Religião pela PUC-SP.**

Resumo

O artigo Acenos de Esperança: Caminhos para superação do antisemitismo foi desenvolvido para conclusão do curso de especialização em Cultura Judeu-Cristã, mas além dessa finalidade, o texto propõe uma reflexão sobre a necessidade e a importância do diálogo interreligioso para construção de um mundo mais fraterno, pacífico e acolhedor em que todos sejamos tratados com respeito e igualdade, sem nenhuma forma de discriminação, principalmente segregações que tenham como argumento questões religiosas. Assim, o texto abordará inicialmente o papel que a religião exerce no cotidiano da nossa sociedade em diferentes esferas, depois se debruçará sobre casos de intolerância religiosa, especialmente envolvendo cristianismo e judaísmo, sequencialmente abordará textos bíblicos e documentos da Igreja Católica Apostólica Romana que exortem esse diálogo fixando-se na questão dos sexagésimo aniversário da Declaração Nostra Aetate e o Jubileu da Esperança proclamado pelo Papa Francisco para o ano de 2025.

Palavras-chave: Diálogo. Cristianismo. Judaísmo. Nostra Aetate.

Abstract

The article “Beckons of Hope: Paths to Overcoming Antisemitism” was developed to complete the specialization course in Judeo-Christian Culture. Beyond this purpose, the text proposes a reflection on the need for and importance of interreligious dialogue to build a more fraternal, peaceful, and welcoming world in which all are treated with respect and equality, without any form of discrimination, especially segregation based on religious issues. Thus, the text will initially address the role that religion plays in our daily society at various levels. It will then delve into cases of religious intolerance, especially involving Christianity and Judaism. It will then address biblical texts and documents of the Roman Catholic Church that encourage this dialogue, focusing on the sixtieth anniversary of the Declaration Nostra Aetate and the Jubilee of Hope proclaimed by Pope Francis for the year 2025.

Keywords: Dialogue. Christianity. Judaism. Nostra Aetate.

* E-mail: saul.kirschbaum@gmail.com

** E-mail: matheusreich1@hotmail.com

Introdução

Na Carta de Paulo aos Colossenses 3,14, é dito que: “acima de tudo, tenham amor, pois o amor une perfeitamente todas as coisas”. Com base nessa passagem bíblica desenvolve-se o referido trabalho buscando apresentar algumas convergências e divergências entre católicos e judeus com enfoque principal na análise da construção do diálogo interreligioso entre as referidas matrizes religiosas.

Amparado por esse objeto de estudo as reflexões aqui expostas visam responder ao seguinte questionamento: Qual a importância do diálogo inter-religioso para a superação do segregacionismo e da intolerância religiosa?

No caminho pela busca da resposta a questão motivadora essa análise permeará inicialmente uma perspectiva geral sobre o papel da religião e da religiosidade no cotidiano da vida e da sociedade humana.

Em seguida será abordado um breve ensaio com a temática de intolerância religiosa, em especial o caso do judaísmo. Num terceiro momento discutiremos uma breve exortação ao diálogo inter-religioso tendo por base o texto bíblico do Salmo 148 e a Carta Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si* (2015). Dando continuidade as reflexões não podemos deixar de elucidar brevemente sobre a celebração dos 60 anos da publicação da Declaração *Nostra Aetate* que norteia o diálogo entre judeus e católicos unindo-a ao Jubileu da Esperança proposto pelo Papa Francisco para o ano de 2025. Por fim, encerraremos essa análise, que não busca colocar fim às discussões, ou trazer respostas prontas e inquestionáveis, mas fomentar a reflexão e a discussão do assunto, o papel que os três últimos Sumos Pontífices da Igreja Católica Apostólica Romana tiveram na promoção do diálogo e na aproximação entre judeus e católicos.

Assim, através de revisões bibliográficas e estudos de casos tem-se buscado, como dito anteriormente, fomentar a reflexão e a discussão sobre a importância do diálogo inter-religioso em todas as esferas, aqui especialmente entre judeus e católicos. Essa ação possibilita formas de construirmos uma sociedade mais justa e fraterna, renegando inúmeras vias de violências e atentados contra a vida e a existência humana que por diversas vezes colocam questões religiosas como justificativas para serem realizadas distorcendo por completo a real mensagem que a fé e a Palavra buscam trazer aos seres humanos.

O papel da religião no cotidiano

“Calada vigiarei meus dias. Quanto mais vigiados, mais curtos! Com que mágoa o horizonte avisto... aproximado e sem recurso. Que pena a vida ser só isso”. (Autor desconhecido).

Com essa proposta de autoria desconhecida, mas rica em significado, podemos refletir acerca da amplitude da vida e construir a consciência de que é muito reducionista pensarmos e crermos que ela consiste somente no tênue fio da existência terrestre, perdurando apenas algumas décadas, ou para alguns poucos, um século.

Nesse sentido, entra em cena um aspecto extremamente importante, a religião. Etimologicamente o termo religião é uma palavra proveniente do latim *religio*, que deriva do verbo *relegere*, significando religar, ou ligar novamente e usualmente utilizado com a prerrogativa de ligar o ser humano com Deus ou deuses. Essa ideia pode ser fundamentada a partir do pensamento de Eliade (2018, p. 27-28) ao propor que o homem religioso busca constantemente reestabelecer o contato com o sagrado, retornando simbolicamente ao tempo primordial, podendo ser interpretado como uma forma de *religare*, onde o Homem reencontra o sentido e a origem da sua existência.

Menos em uma perspectiva etimológica e mais voltado a um viés pragmático, a religião teoricamente tem o papel de unir o ser humano a Deus ou deuses. E ela é professada sobre a ótica de uma pessoa que acredita em um ser superior responsável pela condução do mundo e da vida de cada um, sendo que após o findar da existência terrestre haverá uma nova existência em outro espaço.

Dentro de todo esse arcabouço o que podemos observar é que a religião e a religiosidade exercem papéis extremamente importantes no mundo em que vivemos, mesmo no século XXI onde com o desenvolvimento científico e tecnológico somos imbuídos de um certo ceticismo e uma descrença em relação a tudo e a todos, sendo convidados constantemente a questionar e duvidar de tudo aquilo que não possa ser explicado de forma absolutamente racional.

Diante do exposto Mircea Eliade, professor e cientista da religião estadunidense que viveu no século XX escreveu a obra: *O sagrado e o profano*, buscando discutir a essência das religiões e seu papel na sociedade contemporânea que vive a dubiedade da sacralidade e do profano em seu cotidiano. Albuquerque (2007, p. 44) diz que: “Eliade considera que nem na história, nem na contemporaneidade, predominou e predomina a ausência da visão ‘sagrada’ ou encantada do mundo”. Assim podemos perceber que a religião e a religiosidade se fazem constantes não apenas em seus espaços tidos como “de direito”, igrejas, templos, sinagogas,

mesquitas, terreiros, etc., mas a religião e a religiosidade são constantes no cotidiano da vida humana perpassando searas que teoricamente nada teriam de religiosas como a política, mídia, culinária, turismo, entre outros. Ou seja, sendo seres religiosos ou não, é inegável dizer que vivemos em uma sociedade completamente encharcada de religião e religiosidade em sua essência.

Assim, o filósofo alemão do século XIX, caracterizado por ser um ateísta humanista antropológico Ludwig Feuerbach na obra *A Essência do Cristianismo* (2018, p. 63) nos apresenta uma definição de religião poeticamente dizendo que: “A religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece Deus como um ser anteposto a ele. Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório”.

Percebendo então essa presença da religião e da religiosidade na vida e na existência humana e sua inegável importância buscaremos observar algumas das convergências e divergências existentes entre duas religiões específicas, o judaísmo e o catolicismo, tendo como pano de fundo dessa reflexão a Declaração *Nostra Aetate* e o papel dos últimos papas, João Paulo II (1978-2005); Bento XVI (2005-2013); Francisco (2013-2025) na construção do diálogo inter-religioso entre judeus e católicos.

A intolerância religiosa – O caso do judaísmo

Não é uma característica exclusiva do mundo contemporâneo o fato de existirem divergências sobre religiões e concepções teológicas, mas isso ocorre desde muitos séculos atrás, onde diferentes grupos religiosos formados de modo institucionalizado ou não, buscam legitimar suas crenças e acabam, por vezes, deslegitimando, ou ainda criticando e condenando visões opostas no que tange a suas concepções e dogmas. Isso fica evidente ao observarmos as principais religiões monoteístas do mundo atual, judaísmo, cristianismo e islamismo, ou ainda, as religiosidades de matriz africanas presentes em nosso país como a umbanda e o candomblé.

Apesar de haver pontos de convergência entre as concepções religiosas, outros as divergem totalmente. Ao observarmos o judaísmo percebemos a espera, ainda hoje, por um Messias, onde na perspectiva judaica não seria Jesus o Messias esperado, como apresentado por Neusner (2000, p. 42) refletindo que: “para o judaísmo, o Messias ainda não veio. O Messias é esperado como aquele que trará a paz definitiva, restaurará Israel e transformará o mundo”, ao contrário da defesa do cristianismo que enxerga na figura de Cristo o próprio Deus

encarnado, morto e ressuscitado que veio para redimir a humanidade. O islamismo, por sua vez, observa a figura do Cristo como o penúltimo profeta enviado por Alá, o Deus único, sendo Maomé o último dos profetas.

Ainda observando essa perspectiva, e de forma muito mais incisiva, percebemos as crenças de religiosidades como candomblé e umbanda que seguem uma perspectiva politeísta através de seus orixás e com forte presença sincrética devido ao contexto histórico em que se disseminaram, caminhando de forma completamente divergente daquilo que as religiões monoteístas tem construção do divino.

Ter esse olhar acerca da pluralidade, das convergências e das divergências existentes entre as religiões nos faz ponderar a questão da especificidade espiritual e social de cada uma com um detalhamento muito maior, percebendo também sua relevância devido, infelizmente, a existência do preconceito religioso e da segregação na sociedade desde os tempos mais remotos.

Percebendo que as questões acima discutidas perpassam séculos realizaremos um recorte inicial mais específico observando primeiramente o contexto religioso e de mentalidade da Idade Média.

A historiografia nos apresenta através de inúmeros documentos e nomes como, Jacques Le Goff (2017), Georges Duby (1978), Jean Delumeau (2009), entre outros um período medieval na Europa Ocidental com um poder religioso extremo, mas esse poder da religiosidade se resume ao controle quase absoluto da Igreja Católica que rege o arquétipo religioso, porém indo muito além, interferindo em questões políticas, econômicas, sociais e culturais, ou seja, arbitrando sobre todos os aspectos das ações humanas.

Nesse sentido, Lucien Febvre (2009), historiador francês, trabalha o conceito de história das mentalidades nos convidando a perceber as ações de uma sociedade a partir da mentalidade do povo, e essa questão sempre está intimamente imbuída do contexto político, econômico, social, religioso e cultural. Desse modo quem regia toda a estrutura dessa sociedade era o catolicismo e devido a isso podemos perceber inúmeras ações de contestação e perseguição a religiosidades que destoassem do pensamento e da doutrina católica.

Essa perseguição fica ainda mais evidente em um recorte da obra: Jesus e o mundo do judaísmo de Géza Vérmes (1996, p. 84), destaca uma fala de São João Crisóstomo, bispo de Constantinopla durante o século V. O santo católico compara uma sinagoga judia com um bordel e as orações proferidas pelos judeus como grunhidos de porcos e zurros de jumentos. Ainda ao referir-se aos judeus o arcebispo dizia que escritos judaicos como o Talmud fediam

Não só São João Crisóstomo disseminou ideias como essa, mas autores como Léon Poliakov (1979) nos apresentam escritos que remetem a falas de mesmo teor ocorridos ao longo da História da humanidade. Na obra *De Cristo aos Judeus da Corte* o autor reproduz as palavras de Orígenes, no século III, ao referir-se aos judeus, dizendo: “cometeram a mais abominável das perversidades, tramando este conluio contra o Salvador do gênero humano” (p. 20), ou ainda ao reproduzir as palavras de Gregório de Nissa no século IV: “comparsas do diabo, raça de víboras, delatores, caluniadores” (p. 22).

Essa problemática na relação entre judeus e católicos é um desdobramento da concepção disseminada por séculos do povo judeu como algozes de Jesus Cristo, assim maximizando que todo judeu compactuava com a ideia do martírio de Cristo. Infelizmente, essa mentalidade era chancelada pela própria Igreja Católica Apostólica Romana ao longo de sua história, expressa de modo mais incisivo em alguns documentos conciliares do período medieval, como nos Concílios de Latrão ocorridos nos séculos XII e XIII.

O Terceiro Concílio de Latrão, em 1179, reviveu algumas restrições aos judeus que há muito tinham sido negligenciadas, criando mecanismos que projetassem a nítida divisão social entre judeus e cristãos. Ainda nessa perspectiva o Quarto Concílio de Latrão, datado de 1215, aprofundou o processo segregacionista ao povo judeu criando a odiada insígnia judaica, através do cânon 68 do documento *De Iudeis et Saracenis* (disponível no Papal Encyclicals Online), que rotulava cada judeu como um proscrito vergonhoso, além de proibir a ocupação de cargos públicos por judeus, entre outras ações, como intervenções comerciais que prejudicassem economicamente esse povo.

Discursos como esse se perpetuaram por diversas localidades ao longo da Idade Média e perpassaram sua marca temporal, continuando a serem disseminados durante a modernidade.

No século XV, durante a Guerra de Reconquista essa perseguição aos judeus tornou-se ainda mais acentuada onde os reis católicos passaram a perseguir aqueles que não seguiam o catolicismo, principalmente muçulmanos e judeus.

A perseguição aos muçulmanos foi menos incisiva do que aos judeus devido ao fato de que os primeiros tinham pátrias que seguiam essa vertente religiosa e, portanto, agir de forma muito violenta ou incisiva poderia ocasionar conflitos, logo os reis ibéricos agiram com mais cautela.

Já em relação aos judeus essa perseguição foi mais dura onde esses tiveram de converter- se ou saírem do território. Uma parcela deixou a região da Península Ibérica, outra parte tornou- se o que a Igreja Católica chamou de cristãos novos, sendo de origem judia, mas

não praticantes. E um terceiro grupo foi denominado de simulados, sendo eles judeus “convertidos”, mas que continuavam praticantes do judaísmo de modo escondido.

Esse contexto de perseguição e deslegitimização religiosa não foi uma exclusividade do catolicismo com o judaísmo, mas ocorreu também inversamente por alguns grupos. Como expresso por Kirschbaum (2014, p.118): “[...] Efod, escreveu literatura polêmica, composta com intenção anticristã e propagandística”. Outro exemplo está expresso em Poznanski (1913, p.143-144) apud Kirschbaum (2014, p.119): “sem dúvida, Jesus e seus discípulos e apóstolos não eram eruditos ... e por essa razão os judeus chamavam aqueles que acreditavam em Jesus de marranos “modificadores” ... porque eles costumavam mudar o significado dos versos e apresentar explicações inadmissíveis da Torá”.

Observando esses argumentos percebemos que os embates religiosos perpassam diferentes matrizes da religião. Obviamente nessa análise não pretendemos mensurar impactos dessas ações de divergências, mas constatar sua existência e ao realizar essa constatação perceber a problemática da intolerância religiosa ao longo da história da humanidade.

Esses aspectos deixam evidente que durante séculos de história a relação entre judeus e cristãos, especialmente católicos foi extremamente desgastante e segregacionista. Assim, barbáries foram chanceladas com base em argumentações disseminadas por autoridades políticas e religiosas ao longo do tempo a exemplo do holocausto encabeçado por Adolf Hitler no território alemão espalhando-se pela Europa.

Ainda no século XX, vivendo o contexto da Segunda Guerra Mundial e o auge do Nazismo tivemos milhões de judeus mortos nos campos de concentração das mais variadas formas, câmaras de gás, exaustão por trabalhos forçados, fome, inanição, experiências médicas malsucedidas, alvejados com armas de fogo, entre outras. Nesse contexto bárbaro, que o mundo viveu à menos de um século, apesar desses inúmeros elementos deploráveis que cercearam a vida e a existência desse povo, segregando-o e separando-o de suas famílias e núcleos, tivemos algumas figuras importantes de combate a todo esse movimento como o empresário alemão Oscar Schindler, apresentado a nós através do filme: A Lista de Schindler, que utilizava de seu parque industrial para tentar salvar alguns desses perseguidos pelo regime nazista, tendo ao longo de alguns anos contribuído para que aproximadamente 1.200 judeus não fossem exterminados pelos nazistas.

A indústria cinematográfica e o campo literário nos elucidam essa barbárie de inúmeras formas através de clássicas obras da contemporaneidade como: O Menino Do Pijama Listrado escrito por John Boyne em 2008, ou O Diário de Anne Frank, escrito pela própria garota Anne Frank e publicado pela primeira vez em 1947. Temos ainda obras

clássicas que retratam esse período de perseguição como O Pianista de Władysław Szpilman, publicado em 1946 e a própria obra A Lista de Schindler dirigida por Steven Spielberg e lançada em 1993.

Entre 26 e 30 de janeiro de 2015 a Rede Record exibiu no Jornal da Record uma série de reportagens denominada de Sobreviventes do Holocausto onde em seu segundo episódio nos é apresentado o depoimento do polonês Júlio Gartner. Esse homem passou por cinco campos de concentração em um período de dois anos nos quais perdeu seus pais, tios e primos, mortos pelas tropas nazistas. Em seu depoimento Gartner pontua que realiza um trabalho de acompanhamento de grupos a Auschwitz porque segundo ele: “para isso nunca mais acontecer precisa ser contado, contado e recontado”.

Essa reflexão feita pelo sobrevivente da barbárie do holocausto legitima a necessidade de discussões teóricas, acadêmicas e também das produções literárias e cinematográficas que abordam o tema, produções essas que não devem ser encaradas com um caráter saudosista ou sórdido, mas como algo necessário para o convite a reflexão no presente do que ocorreu no passado, a fim de não repetirmos essas ações no futuro. A historiografia moderna encabeçada pela Escola dos Annales justamente defende essa perspectiva de uma História processual através de seus ícones como Marc Bloch (2001) e Fernand Braudel (2009), apresentando também a construção histórica através de uma longa duração. Essa dinâmica questionava justamente a perspectiva existente anteriormente de uma História pontual que a historiografia clássica apresentava.

Retomando o olhar para o cerne da nossa reflexão podemos perceber que a segregação e a discriminação ao povo judeu também se fez presente, em certa medida, no território brasileiro, onde apesar de sermos conhecidos popularmente pela ideia de acolhimento, receptividade e “coração de mãe”, e muitos judeus para cá vieram fugindo das diferentes formas de extermínio as quais estavam vulneráveis, tivemos durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945) a política do etiquetamento, conforme apresentado por Maria Luiza Tucci Carneiro (2018). Essa teoria colocada em prática no país visava restringir o acesso e a concessão de vistos aos judeus, ciganos, negros e japoneses com a argumentação de que esses grupos colocariam em risco o processo de construção da raça e da brasiliade.

Em meio a aplicação dessa teoria em nosso país os diplomatas antes de concederem vistos para que as pessoas pudessem embarcar rumo ao Brasil deveriam fazer uma triagem e boicotar aqueles que não eram bem quistos pelo governo brasileiro. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro (2018): “Calculo que, no mínimo, cerca de 14 mil judeus refugiados

ingressaram no Brasil portando falsos documentos e com vistos de católicos, como turistas ou em trânsito".

Isso mostra que infelizmente o antisemitismo também teve espaço no território brasileiro na contemporaneidade e mais complexo ainda é percebermos que mesmo no século XXI esse olhar antisemita ainda encontra espaço em nossa sociedade, especialmente em nosso país, um país historicamente construído com base em uma grande miscigenação e pluralidade de raças e credos.¹

Uma reportagem publicada pelo Jornal Hoje em 09 de novembro de 2023 nos apresenta uma terrível manchete dizendo que: "Antissemitismo cresce quase 1.000% no Brasil desde o início da guerra entre Israel e o Hamas, diz levantamento". No corpo dessa reportagem nos é apresentada uma análise feita pela Confederação Israelita do Brasil (CONIB) e a Federação Israelita do Estado de São Paulo (Fisesp).

Essas organizações apontam que o número de denúncias de ameaças ou atos criminosos contra judeus tiveram um crescimento de 133% no país em comparação com o mesmo período de 2022, sendo que no ano de 2022 tivemos 375 denúncias de antisemitismo, enquanto no ano de 2023 o número saltou para 876 denúncias.

Analizando esse cenário o vice-presidente do CONIB, Daniel Bialski pontua que: "Os judeus estão sendo odiados e perseguidos e sendo vítimas de intolerância somente pelo fato de ser judeus. Só que as pessoas esquecem que o antisemitismo é uma forma de racismo e o racismo é crime no Brasil".

Esses discursos contemporâneos antisemitas não foram exclusividade do território brasileiro, mas se repetiram em diversas localidades como por exemplo no território francês encabeçado pelo líder político ultra conservador e direitista, Jean Marie le-Pain que em um de seus efusivos discursos no ano de 2016 descreveu o holocausto como um "detalhe da história", conforme apresentado pela reportagem escrita por Angelique Chrisafis e publicada no jornal britânico The Guardian (2016), trazendo um caráter completamente reducionista e irrelevante para uma das maiores barbáries que a humanidade já presenciou.

Assim, infelizmente esse cenário de perseguição e segregação do povo judeu não foi uma ação que se limitou temporalmente aos períodos antigo e medieval, ou ainda, apenas a barbárie do holocausto, que por si só já seriam elementos suficientes para legitimar a atrocidade que essa população viveu ao longo da História, mas ainda na contemporaneidade,

¹ Sobre o antisemitismo no Brasil (cf. MELLO, 2007; MILGRAN, 2003).

muito mais próximos de nós e de nosso tempo, vemos cenas que corroboram com essa perspectiva de exclusão e discriminação.

Ex Spe in Spem – Salmo 148 e Laudato Si

Agostinho de Hipona, importante teólogo e filósofo dos primeiros séculos do cristianismo, tem uma construção apócrifa a ele atribuída que nos diz: “A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem; a indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão; a coragem a mudá-las”.

Partindo da reflexão proposta podemos observar que o povo judeu ao longo de toda História da humanidade sofreu de inúmeras formas em diferentes temporalidades e espacialidades, mas mantiveram-se firmes e unidos sob a perspectiva de serem um povo escolhido.

Nesse contexto mesmo com as inúmeras adversidades e intempéries existentes nas relações entre cristãos e judeus somos exortados a mantermos vivas nossa esperança e acreditarmos que estamos trilhando o caminho na construção de uma sociedade verdadeiramente justa e fraterna. Com esse objetivo convido a uma análise de dois importantes textos, o primeiro um texto bíblico que é o Salmo 148, e o segundo a Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco, *Laudato Si*, Louvado sejas sobre o cuidado da casa comum. Na Sagrada Escritura o livro dos Salmos é um livro composto de 150 cânticos que visam o convite a oração e ao louvor a Deus. Nesse sentido, o Salmo 148 evidencia essa prerrogativa:

- “1 Nos céus, louvai ao Senhor, louvai-o nas alturas do firmamento.
- 2 Louvai-o, todos os seus anjos. Louvai-o todos os seus exércitos.
- 3 Louvai-o sol e lua. Louvai-o, astros, brilhantes.
- 4 Louvai-o, céus dos céus, e vós, ó oceanos dos espaços celestes.
- 5 Louvem o nome do Senhor, porque ele mandou e tudo foi criado.
- 6 Tudo estabeleceu pela eternidade dos séculos e fixou-lhes uma lei que não será violada.
- 7 Na terra, louvai ao Senhor, cetáceos e todos das profundezas do mar.
- 8 Fogo e granizo, neve e neblina; vendaval proceloso, dócil às suas ordens.
- 9 Montanhas e colinas, árvores frutíferas, árvores silvestres.
- 10 Feras e rebanhos; répteis e aves.
- 11 Reis da terra e todos os seus povos; príncipes e juízes do mundo.
- 12 Jovens e donzelas; velhos e crianças!
- 13 Louvem todos o nome do Senhor, porque só o seu nome é exelso. Sua majestade transcende a terra e o céu.
- 14 E conferiu a seu povo um grande poder. Louvem-no todos os seus fiéis, filhos de Israel, povo a ele mais chegado.”

Esse Salmo é um convite para que todos, sem exceções, louvem ao Senhor. No texto não ocorre acepção de pessoas por raça, credo, classe social, gênero, língua, ou qualquer outra forma, mas somos todos convidados e mais do que isso, convocados a demonstrarmos nossos louvores a Deus.

No texto bíblico todos aqueles que habitam nos céus, no firmamento, nas águas, astros, seres animados e inanimados, absolutamente todos são exortados para louvar ao Criador, como exposto nos dois últimos versículos do salmo apenas o Seu nome é exelso, Ele que é Criador de tudo e de todos, portanto sua majestade transcende céus e terras. Com isso podemos perceber que Sua majestade se faz sobre tudo e sobre todos.

Assim, não existe razão apontada e justificável para que haja segregação entre grupos, visto que Aquele que os criou é o mesmo, logo todas as formas de conflito e discursos de superioridade com apontamentos de erros e inferioridades devem ser extirpadas e todos devem juntos, unidos, louvar ao Criador.

Essa perspectiva da união é expressa constantemente na Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco, *Laudato Si*, onde no próprio título do documento ele nos apresenta a ideia de casa comum, todos nós vivemos em uma casa comum e se essa casa é comum (comunitária) cabe a todos cuidarem dela e nela viverem em harmonia. A Encíclica o Papa nos diz que: “o todo é superior à parte” (*LS*, 141). Com isso percebemos que a vida e nossa sociedade deve ser observada em sua totalidade e não parcialmente legitimando e defendendo exclusivamente aquilo que é melhor para mim, pois isso pode levar o ser humano a um egoísmo e um individualismo exacerbado que acabará desordenando e levando a sociedade ao colapso.

Dessa forma, devemos enxergar o mundo em que vivemos em sua totalidade, inclusive na relação com os irmãos, retomando o que o Salmo 148 nos apresentou, todos, sem distinção devem louvar ao Senhor.

Ainda no documento, o Papa nos aponta que devemos ter esse olhar de totalidade e unidade, caso contrário:

o homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta de uma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro (*LS*, 162).

O convite do Sumo Pontífice nesse trecho é que sejamos capazes de reconhecer o outro e esse reconhecimento nos induz a uma relação harmônica e igualitária na sociedade de acolhimento, paz e justiça, sem formas de distinção e segregação por quaisquer que sejam os motivos.

Assim se buscarmos seguir aquilo que a Palavra nos expressa no Salmo 148 e o que nos prega o Papa Francisco conseguiremos trilhar uma estrada de construção de um mundo melhor efetivamente com ares de casa comum. Isso pressupõe colocarmos em prática o que nos apontou a reflexão dada a Santo Agostinho, nos indignando com as coisas erradas e injustas que enxergamos como a discriminação, segregação, exclusão, desigualdade e tendo a coragem para lutar em prol da mudança e de uma sociedade que em coro louva ao Senhor em tudo e por todos.

2025 – 60 anos da *Nostra Aetate* e o Jubileu da Esperança

No ano de 2025 a Igreja Católica Apostólica Romana, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Congregação dos Religiosos de Nossa Senhora de Sion, e o mundo se rejubilam e celebram festivamente os 60 anos da promulgação da Declaração *Nostra Aetate* pelo Santo Padre o Papa Paulo VI em 28 de outubro de 1965.

Esse documento chancelou de forma institucionalizada uma abertura mais profícua ao diálogo entre católicos e judeus pós Concílio Vaticano II. A declaração, de forma particular o nº 4, tem sua gênese baseada em um contexto histórico religioso de séculos de conflitos entre católicos e judeus, mas especialmente do desejo de uma aproximação entre as duas religiões.

Todo esse cenário caótico nas relações entre católicos e judeus começa a mudar e traçar novos rumos a partir do pontificado de Angelo Giuseppe Roncalli, conhecido como Papa João XXIII, que governou a Igreja Católica Apostólica Romana entre os anos de 1958 e 1963. Esse papa foi exponencialmente relevante para Igreja como um grande reformista, visto que foi o precursor do Concílio Vaticano II que reordenou a Igreja Católica e exprimiu um sinal extremamente importante como Toaf diz: “recordo quando em 1959 João XXIII fez parar na Av. Lungotevere o cortejo pontifício para abençoar os judeus que, como era sábado, saíam da Sinagoga [...] era a primeira vez que um Papa abençoava os judeus” (*apud* RAMOS; RIBEIRO 2019, p. 50).

Esse não foi o único aceno de aproximação entre judeus e católicos dados pelo Papa João XXIII, mas no ano seguinte, em 1960, sua Santidade se reuniu em audiência no Vaticano com o historiador, intelectual e professor judeu francês Jules Isaac. John Allen (2020) discorre que na conversa entre os dois, Isaac demonstrou ao Papa o desejo de uma campanha pela reconciliação entre cristãos e judeus, desejo esse que era recíproco.

Jules Isaac já havia se encontrado no ano de 1949 com o Papa Pio XII para apresentar esse desejo, mas viu no chamamento feito por João XXIII de um Concílio Ecumênico a possibilidade de concretizar essa busca de reaproximação entre essas religiões.

No pontificado de Pio XII, Dom Angelo Giuseppe Roncalli enquanto bispo foi designado como Núncio Apostólico da Turquia entre os anos de 1934 e 1944, período em que vivia-se a Segunda Guerra Mundial e a barbárie do Holocausto comandada por Adolf Hitler. Nesse período Dom Roncalli ajudou a salvar a vida de inúmeros judeus que estavam sendo perseguidos pelos nazistas, por exemplo, conseguindo vistos para os refugiados que fugiam da barbárie.

Como desdobramento das ações de João XXIII e de seu sucessor, Paulo VI, o preconceito e a segregação presentes durante muitos séculos como regentes das relações entre judeus e cristãos católicos foram sendo substituídas por políticas de diálogo e aproximação que ficam evidentes após o término do Concílio Vaticano II e a publicação da Declaração *Nostra Aetate*.

Logo em seu preâmbulo a Declaração *Nostra Aetate* nos diz que a Igreja Católica Apostólica Romana: “no seu dever de promover a unidade e a caridade entre os homens, e mesmo entre os povos, considera aqui sobretudo o que é comum aos homens e os move a viver juntos o seu destino [...] todos os povos, com efeito, constituem uma só comunidade”. É importante ressaltar que essa declaração não foi escrita e inserida aos documentos conciliares para tratar exclusivamente da relação do catolicismo com os judeus, mas em seu corpo ela aborda a relação com a comunidade judaica, os muçulmanos e as diversas religiões não cristãs.

Assim sendo, é necessário que percebamos no preâmbulo, aqui apontado, aquilo que outrora fomos convidados a refletir nesse artigo, a ideia de que todos somos um só povo e uma só comunidade, logo, não deve haver qualquer forma de discriminação ou segregação e não devemos nos colocar em condições de superioridade a quem quer que seja.

Voltando-se agora especificamente ao recorte do documento que trata das relações entre católicos e judeus vários estereótipos são colocados em xeque e a exortação a promoção do diálogo é evidenciada. Na obra Compêndio do Vaticano II (2015, p. 622) no parágrafo 1588 a Igreja Católica reconhece a notoriedade do povo judeu ao afirmar com base nas palavras do Apóstolo Paulo que toda a sua origem é proveniente do judaísmo, onde Maria, mãe de Jesus Cristo era judia, José, seu pai adotivo, era judeu, os Apóstolos tem suas origens enraizadas no judaísmo e o próprio Cristo se constituiu na comunidade judaica, logo é inaceitável que o catolicismo condene o judaísmo ou o deslegitime, visto que dessa forma estará deslegitimando e condenando suas próprias raízes.

Ainda na obra Compêndio do Vaticano II (2015 p. 622) no parágrafo 1587, quarto da Declaração *Nostra Aetate* encontra-se: “pois crê a Igreja que Cristo, nossa Paz, mediante a cruz, reconciliou os Judeus e os Povos e a ambos unificou em Si mesmo”. Aqui poder ver exposta a ideia de que em sua entrega, Cristo entregou-se por todos nós, sem realizar qualquer tipo de acepção de pessoas por característica alguma, assim sendo todos, absolutamente todos foram reconciliados e unificados N’Ele. Mais adiante na Declaração a Igreja reconhece que o discurso outrora disseminado dos judeus como algozes de Jesus Cristo é ilegítimo ao dizer que: “aquilo, contudo que se perpetrou na Sua Paixão não pode indistintamente ser imputado a todos os Judeus que então viviam, nem aos de hoje”. Ao dizer isso claramente percebemos que formas de antisemitismo que existem ainda no século XXI são completamente anacrônicas ao se pautarem na argumentação do povo judeu como algoz do Senhor.

Contrariamente ao que se era dito e ouvido muitas vezes até a publicação da Declaração *Nostra Aetate*, judaísmo e catolicismo devem caminhar juntos e não separados, mas ambas as religiosidades se complementam e não se destroem. Essa nuance fica evidente ainda no quarto parágrafo do documento que nos diz: “sendo, pois, tão grande o patrimônio espiritual comum aos Cristãos e Judeus, este Sacrossanto Concílio quer fomentar e recomendar a ambas as partes mútuo conhecimento e apreço. Poderá ele ser obtido principalmente pelos estudos bíblicos e teológicos e ainda por diálogos fraternos”.

Esse documento não foi, nem é, a solução para os conflitos que existiam entre judeus e católicos, mas serviu de ponte para o diálogo e uma reaproximação entre essas duas vertentes religiosas. Ainda que o documento tenha sido publicado como uma Declaração, ao invés de um Decreto ou uma Constituição, é inegável sua relevância para a discussão sobre a reaproximação entre os povos e a necessidade de celebrarmos os 60 anos dele.

A Declaração *Nostra Aetate* não parou em si mesma, mas rendeu frutos de exortação ao diálogo interreligioso, em especial com a comunidade judaica. Dentre os inúmeros exemplos que podem ser citados, dois representam especial importância para essa reflexão. O primeiro trata-se da obra: Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo – Documentação Básica desenvolvida no ano 2010 pela Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion em parceria com a Comissão do Ecumenismo e Diálogo Interreligioso da Arquidiocese de São Paulo – CEDRA.

Nessa obra é feita uma interessante análise do documento conciliar *Nostra Aetate* com um objetivo mais específico conforme pontuado:

parece ter chegado o momento de apresentar, segundo as orientações do mesmo Concílio, algumas sugestões concretas, fruto da experiência, com a

esperança de que elas possam servir para ajudar a se tornarem realidade, na vida da Igreja, as intenções expostas pelo documento conciliar. (2010, p. 14)

Dessa forma, visando materializar as proposições do documento conciliar a Congregação de Sion em parceria com a Arquidiocese de São Paulo apresentam quatro pontos cruciais para essa ação, sendo eles: o diálogo, propondo que verdadeiramente deve ocorrer um processo dialógico entre as religiões com trocas reais e não apenas monólogos fixados em si mesmos sem aplicação prática. O segundo ponto apresentado é a liturgia, onde a Igreja deve buscar observar as festas, fórmulas e ritos comuns entre judeus e cristãos realizando uma interpretação real e não tendenciosa das Sagradas Escrituras, conforme citado:

há de se ter o cuidado de dar na homilia uma interpretação exata às mesmas, sobretudo quando se tratar de passagens que pareçam colocar o povo judeu, como tal, sob uma luz desfavorável [...] compreender todos os textos no seu verdadeiro sentido e no seu significado para o crente dos nossos dias. (2010, p. 17)

Já o terceiro elemento volta-se ao ensino e educação evidenciando a necessidade da formação das pessoas para que percebam as pontes entre judeus e cristãos sem subjuglar nenhuma religiosidade, mas percebendo como elas se completam. O último item, por sua vez, nos convida a ação social em comum onde (2010, p. 20): “no espírito dos profetas, judeus e cristãos, hão de colaborar de bom grado nas diligências em prol da justiça social e da paz, a nível local, nacional e internacional.

A segunda obra que merece ser citada é o Documento da Igreja n. 29 produzido pela Comissão para as relações religiosas com o judaísmo – “Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis” (cf. Rm 11,29), reflexões sobre questões teológicas atinentes às relações católicos-judaicas por ocasião do 50º aniversário da *Nostra Aetate* (n. 4).

Esse documento enfatiza a proximidade das relações entre judeus e cristãos através do contexto prático e teológico. Nesse sentido, dentre vários aspectos relevantes, dois terão maior atenção como exemplificações da busca pela aproximação relacional proposta pelo documento. Os itens 23 e 29 apresentam o quanto judeus e cristãos estão ligados.

No item 23 do documento é dito que: “A Igreja é chamada o novo povo de Deus, mas não no sentido que Israel, o povo de Deus, cessou de existir. A Igreja foi “admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga Aliança””. Assim, como já outrora citado nesse artigo os judeus, a comunidade judaica e a cultura judaica são responsáveis por dar embasamento a toda construção do Cristianismo, observando como citado anteriormente que Jesus Cristo e todo seu entorno vieram do seio judeu.

O item 29 do documento, por sua vez faz uma bonita reflexão sobre as Sagradas Escrituras dizendo que: “os cristãos leem o Antigo Testamento à luz do Novo, na convicção

declarada por Santo Agostinho na sua impregnada fórmula: “O Antigo Testamento se mostra no Novo, enquanto o Novo está escondido no Antigo”. O Papa São Gregório Magno se exprimiu de maneira análoga quando definiu o Antigo Testamento “profecia do Novo” e o Novo “o melhor comentário do Antigo””. Isso deixa claro como toda construção religiosa judaica e cristã se complementam e dialogam constantemente, sendo necessário evidenciar cada vez mais esse processo.

Aliado a festa de mais uma década da Declaração *Nostra Aetate*, celebramos também o Jubileu da Esperança instituído pelo Papa Francisco e iniciado no dia 24 de dezembro de 2024 com a abertura da Porta Santa no Vaticano, sinal realizado em todas as dioceses do mundo em 29 de dezembro de 2024.

Esse jubileu exorta ainda mais a aproximação entre judeus e católicos, afinal trata-se da ideia de um Jubileu da Esperança. A bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025 em seu oitavo ponto nos diz: “que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra. Esquecida dos dramas do passado, a humanidade encontra-se de novo submetida a uma difícil prova que vê muitas populações oprimidas pela brutalidade da violência”.

Da mesma forma que a Declaração *Nostra Aetate*, de modo particular, buscou pregar a paz entre judeus e católicos, esse momento frutuoso celebrado pela Igreja Católica em 2025 nos convida a construirmos um mundo pautado pela paz e que toda esperança se traduza em paz nos mais diversos conflitos existentes na sociedade, e de modo especial, podemos refletir a barbárie existente em Israel desde 07 de outubro de 2023 realizado pelos extremistas do grupo Hamas. Ainda na bula de proclamação do jubileu ordinário do ano 2025 no primeiro ponto o Papa Francisco diz: “Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham, com ceticismo e pessimismo, para o futuro como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança! A Palavra de Deus ajuda-nos a encontrar as razões para isso”.

Assim, que no ano de 2025 possamos suscitar a esperança de um mundo mais humano e fraternal a exemplo do que foi realizado com o Concílio Vaticano II que possibilitou uma nova abordagem e um novo olhar sobre a Igreja e suas relações com o mundo, neste caso em especial com a comunidade judaica, onde através da Palavra de Deus encontraremos razões para sermos jubilosos a exemplo do que nos motiva o Salmo 148,1: “Louvai ao SENHOR. Louvai ao SENHOR desde os céus, louvai-o nas alturas”.

A exemplo do que o Papa Bento XVI pontuou na Encíclica *Deus Caritas Est* (2005), que o cristianismo não se inicia com perspectivas éticas ou por uma ideia, mas com um

encontro real com a pessoa de Cristo, que os encontros possam ser a base da sociedade que caminha como peregrina da esperança na construção de um mundo melhor cultivando nessa peregrinação o lema de ordenação episcopal de Dom Paulo Evaristo Arns, *Ex Spe In Spem*, de esperança em esperança.

A construção do diálogo – O papel dos três últimos papas

Nesse caminho de estreitamento de laços, João Paulo II, pontífice entre 1978 e 2005, teve um papel de grande relevância devido ao fato de ser o primeiro papa a expressar publicamente o direito do povo judeu de retornar a sua terra natal, além de reconectar as relações diplomáticas entre Israel e o Vaticano no ano de 1993. João Paulo II também foi o primeiro líder da Igreja Católica a visitar uma sinagoga, fato que ocorreu em 1986 dirigindo-se aos judeus como “irmãos”, semelhantes, e utilizando-se do argumento bíblico expresso na Carta de São Paulo aos Romanos 2,6, que diz: “Deus julgará a cada um conforme as suas obras, aos judeus e aos cristãos”.

Ainda em seu pontificado, na manhã do domingo 26 de março de 2000, o Sumo Pontífice fez uma visita ao Muro Ocidental em Jerusalém onde estão conservados os restos dos fundamentos do Templo construído por Herodes, o Grande, sendo o lugar mais sagrado do judaísmo. Nessa visita, o papa, após um momento de oração e silêncio colocou numa fenda entre as pedras um papel contendo em inglês um pedido de perdão pelas atrocidades ocorridas com o povo judeu. Esse papel trazia consigo a seguinte oração:

Deus de nossos pais, Vós escolhestes Abraão e sua descendência para que o vosso Nome fosse levado a todas as nações: estamos profundamente entristecidos pelo comportamento de quantos, ao longo da história, fizeram sofrer estes vossos filhos, e ao pedir-vos perdão queremos empenhar-nos numa autêntica fraternidade com o povo da aliança. (2010, p. 03)

Dando continuidade ao diálogo e a proximidade com os judeus, o Papa Bento XVI, pontífice de 2005 até 2013, teve o cuidado de isentar o povo judeu da culpa pela morte de Jesus Cristo, argumento que era utilizado durante séculos para martirizar e perseguir essa população, conforme citado por Ramos e Ribeiro (2019, p. 52): “Em um livro publicado em 2011 ‘Jesus de Nazaré’, o Papa escreveu que ‘a aristocracia do templo’ em Jerusalém e as ‘massas’ – e não ‘o povo judeu como um todo’ – foram os responsáveis pela crucificação de Cristo”.

O Papa Bento XVI além de deslegitimar o argumento proferido por séculos de acusação ao povo judeu, também visitou sinagogas como nenhum outro Pontífice havia feito

anteriormente, reafirmando as ideias expressas por João Paulo II de tratar o povo judeu como irmãos e semelhantes a todos os católicos.

Essa conexão relacional é evidenciada também ao comparar um tratado judaico denominado de Dito dos Pais de Israel (*Pirkey Abot*) com as três virtudes teologais do catolicismo. No tratado nos é apresentada a ideia de que Simão, o Justo dizia serem a Torah, o culto e os atos de misericórdia a base fundamental do mundo. Traçando um paralelo com as virtudes teologais do catolicismo temos a fé, a esperança e a caridade. Assim, caridade e atos de misericórdia se conectam enquanto ações humanas que visem o bem do próximo e bem comum no espaço social.

Mesmo antes de seu pontificado, enquanto ainda era Cardeal Joseph Ratzinger, o futuro Papa Bento XVI escreve o prefácio do documento de 2001 da Pontifícia Comissão Bíblica: O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã. Nesse texto, conforme apresentado no item 44 do documento da Comissão para as relações religiosas com o judaísmo: Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis (2016, p. 39), Ratzinger pontua que: “os cristãos podem aprender muito da exegese judaica praticada em 2000 anos; por sua vez os cristãos esperam que os judeus possam encontrar utilidade nos progressos da exegese cristã”.

Atualmente, dando continuidade a todo processo que vem sendo construído desde João XXIII temos o Papa Francisco, que dirigiu a Igreja Católica entre 2013 e 2025. O Sumo Pontífice tem uma relação de proximidade com o povo judeu desde o período em que ainda era Cardeal primaz da Argentina dirigindo a Arquidiocese de Buenos Aires. Naquele período ele já participava de inúmeras celebrações em sinagogas junto aos rabinos, e em especial no ano de 2007 durante a festa de Rosh Hashaná na sinagoga Benei Tikvá Slijot referiu-se aos judeus como “meus irmãos mais velhos”, mostrando o carinho, respeito e proximidade a esse núcleo.

Após sua eleição em 13 de março de 2013 fez questão de convidar o Rabino-chefe de Roma, Sr. Ricardo Di Segni para a missa inaugural de seu pontificado no Vaticano que ocorreria em 19 de março de 2013, demonstrando seu respeito e consideração ao líder religioso do povo judeu de Roma.

Ainda sob a ótica de Francisco e de forma muito emocionante e reflexiva a proximidade entre judeus e católicos foi expressa na carta Adão, onde estás? Proferida pelo Papa durante sua visita ao Museu do Holocausto em Jerusalém no dia 26 de maio de 2014. Mais do que apenas uma mensagem carregada de uma carga emotiva, essa mensagem do Pontífice pode ser vista como um pedido de perdão a Deus e ao povo judeu por toda

discriminação que durante séculos assolou essas pessoas legitimada muitas vezes por autoridades religiosas do catolicismo. Na carta o Sumo Pontífice diz:

“Adão, onde estás? (cf. Gn. 3,9)

Onde estás, ó homem? Onde foste parar? Neste lugar, memorial do Shoah, ouvimos ressoar esta pergunta de Deus: “Adão, onde estás?”.

[...]

Da terra, levanta-se um gemido submisso: Tende piedade de nós,

Senhor! [...]

Lembrai-vos de nós na vossa misericórdia. Dai-nos a graça de nos envergonharmos daquilo que, como homens, fomos capazes de fazer [...]

“Adão, onde estás?” Eis-me aqui, Senhor, com a vergonha daquilo que o homem, criado à vossa imagem e semelhança, foi capaz de fazer.

Lembrai-vos de nós na vossa misericórdia!

Esse trecho da carta proferida pelo Papa revela esse pedido de perdão ao povo judeu onde a Igreja é apresentada como Adão que ao pecar percebe sua nudez e se envergonha de Deus escondendo-se e depois clama a misericórdia do Pai.

Ao longo do seu pontificado também como exposto pelo item 47 do documento da Comissão para as relações religiosas com o judaísmo: Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis (2016, p. 41), é dito que: “o Papa Francisco sublinhou várias vezes que um cristão não pode jamais ser um antisemita, sobretudo por motivos das raízes judaicas do cristianismo.

Todo esse contexto nos revela que a problemática existente durante séculos vem sendo tratada nas últimas décadas ainda como algo longe ser totalmente sanado, até mesmo devido a dívida histórica para com os judeus, mas percebe-se uma possibilidade de mudança de mentalidade que deixa de tratar esse povo de forma demonizada e passa a enxergá-lo e tratá-lo como irmãos percebendo que aquilo que une católicos e judeus é muito maior do que o que os separa.

Considerações Finais

Ainda no século XXI, infelizmente, percebemos a perpetuação da perseguição e embates, muitas vezes bélicos com amparo religioso. Sobre esse ponto podemos observar o triste conflito ocorrido na Terra Santa desde outubro de 2023 entre Israel e o grupo terrorista Hamas. Esse é um problema que ganhou dimensões globais, mas inúmeros outros processos

de segregação são percebidos, observando a especificidade do nosso país podemos perceber, por exemplo, o preconceito existente em relação as religiões de matriz africana com a destruição e profanação de inúmeros terreiros de candomblé e umbanda. A depreciação moral e ritualística existente entre cristãos católicos e protestantes. O estereótipo desenvolvido para com os judeus por alguns cristãos de acusá-los pela morte de Jesus Cristo desmerecendo todos que professam a fé judaica, entre outros inúmeros exemplos.

Refletindo todo esse aspecto percebemos a necessidade da ressignificação do pensamento humano e a desconstrução de seu individualismo de modo que entendamos o real sentido da religião e da religiosidade. Nesse sentido, precisamos perceber que aquilo que nos une é muito maior do que aquilo que nos separa. Todas as religiões, ou ao menor parte delas tem um objetivo comum, o bem. Fazer o bem, ser bom, amar, agir corretamente são princípios expressos por quase todas as denominações religiosas, R. Jacob Moellin é citado por Kirschbaum (2014, p. 120) ao pontuar que: “o princípio subjacente era ‘afastar-se do mal e fazer o bem’”. Desse modo houve o desenvolvimento da ideia de fazer o bem e agir com caridade como fundamento da fé e exercício prático da religiosidade.

Portanto pensar religião é pensar em uma perspectiva condutora de sentido para existência humana cabendo a nós, seres humanos, independentemente da fé que professamos exercitarmos os princípios morais e éticos propostos pela religiosidade, seja ela qual for. Assim, respeitando as alteridades para que não vivenciemos barbáries como o antisemitismo expresso por Adolf Hitler no nazismo, diásporas de povos sob justificativa religiosa de um superior e outro inferior, impossibilidade de professar e expressar a fé como ocorrido com os escravos no período colonial e imperial, perseguição a bispos e sacerdotes como ocorrido na Nicarágua, e outros inúmeros casos. Tendo em vista a ótica de que esses casos sejam apenas revisões históricas e não reflexos da contemporaneidade, visão hoje utópica, mas que possamos sair da distopia em que vivemos e parafraseando o antigo arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que sigamos de esperança em esperança com a crença de que podemos desenvolver uma sociedade melhor e legitimamente mais humana.

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. **A História das Religiões**. In: USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**: São Paulo: Paulinas, 2007.
- ALLEN, John L. **Há 60 anos, um papa encontrou um judeu e o mundo mudou**. Ihu.Unisinos, 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/599946->

ha- 60-anos-um-papa-encontrou-um-judeu-e-o-mundo-mudou. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

BENTO XVI, Papa. **Carta Encíclica Deus Caritas Est.** Vatican, 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

BÍBLIA, Sagrada. São Paulo: Editora Ave Maria, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da História.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOYNE, John. **O menino do pijama listrado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Imigrantes indesejáveis. A ideologia do etiquetamento durante a Era Vargas.** Revista USP. São Paulo, v.119, n. 1, out./nov./dez.2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/revistausp/revista-usp-119-textos-8-imigrantes-indesejaveis-a-ideologia-do-etiquetamento-durante-a-era-vargas/#:~:text=Entre%201930%20e%201945%2C%20o,%2C%20ciganos%2C%20negros%20e%20japoneses.>> Acesso em: 14 de janeiro de 2025.

CHRISAFIS, Angelique. **Jean-Marie Le Pen é multado novamente por menosprezar o Holocausto como “detalhe”.** In: The Guardian. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/apr/06/jean-marie-le-pen-fined AGAIN-dismissing-holocaust-detail>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

COMISSÃO para as relações religiosas com o judaísmo. **Porque os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis.** Brasília: Edições CNBB, 2016.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUBY, Georges. **O tempo das catedrais.** Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo.** Petrópolis: Editora: Vozes, 2018.

FRANCISCO, Papa. **Adão onde estás? Onde está o homem?.** Conib, 2014. Disponível em: <<https://www.conib.org.br/noticias/todas-as-noticias/adao-onde-estas-onde-estas-o-homem-pergunta-o-papa-no-yad-vashem-em-jerusalem.html>> . Acesso em: 15 de janeiro de 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si.** São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Spes non confundit.** Vatican, 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileio2025.html>. Acesso em: 11 de janeiro de 2025.

FRANK, Anne. **O Diário de Anne Frank.** Barueri: Novo Século, 2019.

HOJE, Jornal. **Antissemitismo cresce quase 1.000% no Brasil desde o início da guerra entre Israel e Hamas, diz levantamento.** G1, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/11/09/antisemitismo-cresce-quase-1000percent-no-brasil-desde-o-inicio-da-guerra-entre-israel-e-hamas-diz-levantamento.ghml>. Acesso em: 14 de janeiro de 2025.

KIRSCHBAUM, Saul. **Tradição e História do Judaísmo**. São Paulo: Centro Cristão de Estudos Judaicos, 2014.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Editora: Vozes, 2017.

MELLO, Lucius de. **A Travessia da Terra Vermelha: uma Saga dos refugiados Judeus no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2017.

MILGRAN, Avraham. **Entre la aceptación y el rechazo**. América Latina y los refugiados del nazismo. Jerusalém: Yad Vashem, 2003.

NEUSNER, Jacob. **O judaísmo e Jesus: O que os Judeus acreditam e o que os Cristãos devem saber**. São Paulo: Paullus, 2000.

PAPAL, Encyclicals Online. **Quarto Concílio de Latrão 1215**. Disponível em: <<https://www.papalencyclicals.net/councils/ecum12-2.htm#68>>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

POLIAKOV, Léon. **De Cristo aos judeus da corte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

RAMOS, Marivan Soares; RIBEIRO, Donizete Luiz. **Jubileu de Ouro do diálogo Católico-judaico**. São Paulo: Fons Sapientiae, 2019.

RECORD, Jornal. **Sobreviventes do Holocausto**. Youtube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MfncOT-ItAA>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2025.

SION, Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de. **Diálogo da Igreja Católica com o Judaísmo**. São Paulo: Loyola, 2010.

SPILBERG, Steven. **A Lista de Schindler**. Califórnia: Amblin Entertainment, 1993.

SZPILMAN, Wladyskaw. **O pianista**. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Record, 2007.

USARSKI, Frank. **A construção do diálogo: O Concílio Vaticano II e as Religiões**. São Paulo: Paulinas, 2018.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da Ciência da Religião**: São Paulo: Paulinas, 2007.

VIER, Frei Frederico O.F.M. (org). **Compêndio do Vaticano II**. Petrópolis. Editora Vozes, 2015.